

O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO CARICATURISTA SILVA E SOUZA

ANNO 2º

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTYVO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA EDITORIA L. CONDE BARÃO, 50 - LISBOA

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
R. DA ATALAYA N.º 128. 2.º
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 2000 REIS
SEIS MESES 500
TRES MESES 300
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS: PREÇO CONVENCIONAL

N.º 86

Terça feira, 19 de OUTUBRO de 1909
Escola Liberal de Maura, Wenceslan, Carneira & Comp.ª



Silva e Souza

— Meninos, sigam bem os exemplos das lições que eu lhes dou . . .

474
1909

Na hora pungentíssima em que o mundo inteiro se contorce n'um movimento de justificada repulsa e indignação pelo maior e mais abominável crime dos tempos modernos praticado na pessoa de Ferrer, nós sentimo-nos tão profundamente acabrunhados por esse inaudito acontecimento que, quasi a nossa pena se recusa a escrever.

Mas, recalçando por momentos no fundo da nossa alma a dôr que nos afflige e faz estremecer de cólera, firmes no nosso posto, somos forçados, pela indole do nosso jornal, a distrahir os espiritos dos outros e fazel-os rir.

Ingrata e difficil missão a nossa, em tão doloroso momento; pretendemos levar a outrem o que não conseguimos para nós.

A REDACÇÃO.

Justiça! Justiça!

Nas lugubres fossas da fortaleza de Montjuich acaba de ser assassinado, fria e cobardemente em nome da Lei, um homem cujo crime consistia em ministrar a instrucção aos seus semelhantes, em manter 38 ESCOLAS á custa do seu bolso e em derramar a luz da sciencia e da verdade por aquelles cujo espirito embrutecido vagueava pelas trevas do obscurantismo.

Está feita a instrucção d'El-Rei.

Está desaffrontada a Igreja.

Muito bem!

Mas o que não está feito ainda, é a justiça da civilização, o que não está desaffrontado ainda é o direito da humanidade.

A civilização e a humanidade precisam de uma explicação cabal, categorica e energica, da affronta enorme que acabam de receber; precisam limpar-se do escarro que a Hespanha lhes lançou em rosto, calcando a pés a Dignidade, a Honra e o Progresso de todas as nações cultas, de todos os que trabalham na conquista do bem, de todos os que desejam a perfectibilidade humana, de todos os que sentem pulsar o coração pelo grande ideal da fraternidade sobre a terra.

A Hespanha tornou, com o assassinio de Francisco Ferrer, aos calamitosos tempos do *Rei maldito*, em que as fogueiras da inquisição eram ateadas pelo proprio rei, que assistia depois friamente, da sua tribuna, ás convulsões das victimas que o fogo ia consumindo lentamente.

A Hespanha catholica, a Hespanha patria de Cervantes, patria de Quevedo, patria de Velasquez, patria de tantos homens notaveis; que, de então para cá, se tinha mostrado desejosa de pagar da sua historia esses tem-

pos de ignominiosa memoria, dá, de repelão, como uma investida de toiro, um pontapé em tudo quanto tinha feito até hoje, e, fanatisada pelos seus frades, pelos seus reaccionarios, por todos os inimigos da emancipação humana, derroca todo esse monumento erigido á custa de tanto trabalho, de tanta vida e de tanto sacrificio.

E' espantoso!

Mas, perguntamos nós, para que foi preciso todo aquelle scenario de prisões, de tribunal e de julgamentos?

Para que foi preciso fazer com que soldados, homens como quaesquer outros, que teem um coração, uma alma, uma vida emfim, igual áquelles que não vestem uma farda, para que foi preciso, repetimos, obrigar esses homens a assassinar um seu semelhante, que pensava como elles, que luctava como elles, que trabalhava como elles, não para o bem-estar individual mas para o bem commum de todos os que soffrem, de todos os que são espoliados, de todos os que são explorados?

Maura podia muito bellamente armar o braço d'um dos seus sicarios, e em qualquer encruzilhada, ao voltar uma esquina, pela calada da noite, n'um sitio escuro, emfim, anavalhar o seu inimigo e tirar-lhe a vida.

O resultado era o mesmo.

Não... não era.

Não daria tanto que falar da sua pessoa, nem o mundo ficaria sabendo como se *castiga* um irreverente, um inimigo da religião, um livre pensador:

Maura desejava pôr-se em evidencia, mostrando ao mundo civilizado que era homem de acção e que os acontecimentos da *semana sangrenta* haviam de ser punidos d'uma maneira tal, que daria brado em todo o orbe.

Era necessario arranjar alguém que pagasse todos esses actos de desespero, toda essa revolta contra os frades seus oppressores, seus esbulhadores, seus espoliadores, fosse culpado ou innocente pouco importava.

Ferrer pregava a cruzada santa contra as trevas do espirito obcecado pelo fanatismo religioso, fazia luz onde só havia trevas, portanto era preciso desaparecer e... desapareceu.

Mas o que Maura não calculou foi que o fuzilamento de Ferrer, em vez de o aviltar, o fez tornar ainda mais respeitado, mais querido, mais adorado do que quando vivia para os seus amigos e para os seus admiradores.

O fuzilamento de Ferrer veiu enfileiral-o na galeria dos martyres de outros tempos, martyres da Ideia que teve por principio o Golgotha, e que morriam sorrindo, pronunciando o seu credo, e entoando o cantico redem-

ptor que os havia de levar á Gloria.

O grito de Ferrer, ao cahir varado pelas balas de Maura, foi o de: *Viva a Escola Moderna!*

O nosso grito, que é o grito de toda a Humanidade, será o de:
Justiça! Justiça!

ARIEL.

Ao assassino de Ferrer

Maura! Parte, maldito, que o Inferno
Precisa d'um raivoso inquisidor
De manga arregaçada,
Olhar sanguineo e rubro, qual Averno,
Chrispando catadupas de rancor
A' turba condemnada!

Sim corre, sem demora, pressuroso,
Sacia o teu instincto bestial
Na carne a derreter,
E hebe o sangue impuro venenoso,
Que escorre sobre o throno Infernal
Do velho Lucifer.

Na tétrica sinistra combustão,
Um gôso que é só teu, encontrarás,
Sugante, insaciavel,
Ouvindo choros, gritos de afflicção,
Atira-te de longe Satanaz!
O soldo miseravel!

Ahi, feroz chacal, terás allivio,
Ao fogo de vingança que te agita
A alma resequida.
E' n'esse flagellante e vil convívio,
Que o mal que n'esse bruto ser crepita
Encontrará guarida.

De cá te expulsa o mundo alanceado
N'um grito de revolta, vingador,
N'um brado clamoroso.
O teu Montjuich, o sonho teu dourado,
O requintado acto de rancor
Perfido, odioso,

Marcou no teu instincto sanguinario
O não direito, á vida tão amada
E cheia d'amarguras,
Em ti encarna o verbo d'um sicario;
Peior de que a hyena esfomeada
Escavando as sepulturas.

Sim, parte. E que a memoria abençoada
Do martyr, innocente, fuzilado,
Atire a maldição,
A' tua alma vil, degenerada,
A ti, o instrumento desejado
Da torva reacção!

STYL.

Ferrer

Tu não morreste, alma candida e pura. Viverás eternamente como um symbolo entrelaçado na tua grandiosa obra.

O teu nome perpassará por sobre as gerações vindouras abençoado e glorificado como o de um martyr e de um justo.

Teu corpo, é certo, cahiu inerte nos sombrios fossos de Montjuich, varado pelas balas da reacção, tendo por

executores um Maura e um La Cierva mas a tua luminosa memoria e o teu nome, esses não morreram, esses viverão eternamente, porque são intangíveis e insuperáveis.

As fulgurações do teu talento e as scintillações da tua alma continuarão a illuminar no futuro como um sublime e grandioso facho educador dissipando as trevas á humanidade que te contempla.

Teu espirito pairará sempre sobre a nossa mentalidade, insuflando-nos na alma a summula sacrosanta e pura de todo o grande bem e carinhoso amor que tão harmoniosamente se encarnavam na tua personalidade e nobremente a dignificavam e distinguam.

STYL.

CHRONICA

O assassinio de Ferrer não pode representar nunca um acto de força do reaccionario governo de Maura. Pelo contrario, representa um acto de inqualificavel cobardia. Foi necessario destruir um cerebro que pensava e irradiava as suas idéas pelos menos cultos.

Porque o destruíram?

Porque não tinham argumentos para o combater, porque não tinham idéas a contrapôr.

Como faltava o talento nas hostes reaccionarias, onde a sciencia entra amollecida em agua benta e ennegrecida pelo fumo do incenso, recorreu o jesuitico governo hespanhol á logica do crime.

La force prime le droit; isto é, o direito é calcado pela força bruta e estúpida das prisões infectas e das balas assassinas.

Foi o que se fez em Barcelona.

Maura, La Cierva e o proprio mag-nate-mór devem estar satisfeitos da sua obra.

Um cerebro privilegiado como o de Francisco Ferrer é um inimigo implacavel e perigoso para os que em vez de miolos teem fel, alliando á estupidéz classica do burro a fereza hedionda do chagal.

Cessou esse vibrante cerebro de pensar, assassinado torpe e cobardemente nos fossos de Montjuich.

Tripudia a malta ignobil dos facinoras agaloados e dança alegre a ré-cua de impostores que prégam a doutrina de Christo, o philosopho a quem mataram de proposito para arranjarem um Deus.

Diz-se que vão fazer uma procissão de desaggravo pelo facto de Ferrer, coherente com os seus principios não ter acceitado os auxilios da religião... lá d'elles.

A final não é procissão, é um cartel de desafio.

Veremos o que faz o povo hespanhol ante essa insolita provocação.

Se assiste impertubavel e sem um protesto a esse cortejo que representa a glorificação do despotismo reaccionario e o regosijo da malta pelo as-

sassinio de Ferrer, esse povo está julgado por si proprio.

Não haverá termo bastante severo para o classificar devidamente.

Fala-se na *boycottage* aos productos hespanhoes e n'um movimento de repulsão a todos os castelhanos.

Acho que talvez seja um excesso.

Ha hespanhoes liberaes, porque a patria de Cervantes, de Campoamor, de Galdós e do proprio Ferrer não tem culpa immediata das selvagerias estupidas dos facinoras de Maura, como nós, portuguezes, não fomos culpados dos desvarios infames de João Franco.

Revoltem-se, dizem os exaltados. A revolta é legitima, precisa e justificada, mas ha tanta facilidade em dizer as cousas como difficuldade em fazel-as.

Esperemos. E' tarde para todos nós que temos um coração sensível e sentimentos o agudo punhal da vingança immediata a retalhar-nos o coração, mas não é tarde ainda.

A morte de Ferrer será vingada, brada-se do extremo da Europa aos confins da America.

Será possivel que tanta affirmativa seja apenas uma flor de rethorica?

Seja como fôr.

Desditoso Ferrer, o teu amor á humanidade causou-te a morte physica, porque a vida moral não se extinguiu, antes mais se avivou no peito de nós todos.

A Escola Moderna, o teu ultimo pensamento, ha de resurgir para a tua gloria não guiada pelo teu braço potente, mas segura e guiada pela consciencia universal.

Gloria a Ferrer!

ORLANDO.

Alguns hespanhoes de Maura, os *vallientes*, vão reconquistar Cuba, as Filipinas, tomar Marrocos e entrar em Portugal sem medo ao pontapé de 1640.

Morreu Ferrer e D. Quixote resuscitou.

Mas não se assistem, que aquella gente não faz mal a ninguem. E' tudo *farronca*.

Hespanholadas!

O Leandro e o Fernandez do incendio da Magdalena são hespanhoes. Pudera!

De que nação haviam de ser?

A redacção do pasquim do Pelourinho tem estado guardada pela policia. E' melhor, é.

Anda a gente limpa com os casacos desabotoados.

Elles é que estão guardados á vista.

Um jornal todo se indigna porque um jesuita revestido da sua negra sotaina foi apupado no Rocío.

Pois amigos, quem não quer ser jesuita não lhe veste a... farda.

Tiro ao alvo

A um tyranno

Em portuguez vibrante alguns instantes
Nós vamos conversar, Treppoff-hispano,
Selvagem sem pudor, anti-humano,
Nojo da bella patria de Cervantes.

Julgas talvez que nós algo distantes
Não temos um chicote ou um abano
Para te fustigar, rude tyranno,
Escoria dos patifes degradantes;

Vem até nós, ministro omnipotente,
Infame dictador, torpe galfarro,
Tratante que emporcalha toda a gente.

Entra em Portugal, toma um carro
E vem a receber cobardemente
Na porca focinheira um sujo escarro.

JULOR.

A *Epoca* de Madrid, jornal jesuitico, diz que «na execução de Ferrer se cumpriu integralmente a lei.»

Cumpriu-se mas foi a grandissima p... ata que poz o auctor da estúpida local.

Animatographo... vivo

Pretende-se fazer a *boycottage* dos productos hespanhoes como protesto á infamissima execução de Ferrer.

Parece-nos pouco pratico.

O que vem para cá de Hespanha?

O *pimenton*, o *colorao*, as mantilhas, o Jerez e a Manzanilla.

Pouca cousa realmente.

Além de outras avariadas, o paiz vizinho tem como principal exportação para Portugal: mulheres avariadas, toureiros de... inverno, tiplés... fanhosas, cartelistas e a vasta colonia galleiga, honrada e trabalhadora, que a cada instante manda Hespanha para casa de todos os diabos.

Ha excepções como em tudo.

Nós conhecemos hespanhoes honrados e bondosos que se revoltam contra a torpeza de Maura.

Mas esses bons e honestos estão em minoria, porque n'um paiz onde se estripam cavallos e se matam touros é tão vulgar vêr correr sangue e praticar selvagerias, que a vida de um homem, ainda que seja a vida de um benemerito, tem o mesmo valor de um... *miñuelo* assucarado.

Fazer *boycottage* a que?

Ha apenas um meio. E' deixar de ir estupidamente, a Sevilha ás touradas da semana santa e a Badajoz engaiolado n'um comboio pião de excursões baratas.

Não admittir negocios com "Leandros", e tomar cautela com gente que nos trate por *usted*.

Ha bons e maus, honrados e marotos, mas estar de pé atraz não custa nada a ninguem.

Eis o que ha a fazer e o que nós faremos.

Podem dizer-nos: — Ay niño,
Es tuyo mi bien querer.
Que nós, fugindo ao carinho,
Dizemos n'um instantinho:
O' filha, vae-te... benzer!

Temos a subida honra de ter dentro dos muros da capital á *beira-mar plantada* o dictador João Franco.

Anda por ahí á vontadinha, despreocupado e sorridente a pé, de automovel e de trem como se não fosse o funebre heroe do 1 de fevereiro.

Cá está o homem.

Foi pena que não annunciasses a sua vinda

O grande exemplo



A noção que manchou a *Liberdade*, aumenta o ódio contra os carrascos.

a Lisboa para ter uma recepção brilhante, mas a sua "modestia", não o consentiu.

No entanto passeia ufanamente pelas ruas da Baixa e vae aos bancos tratar de negocios, trepando ás vezes ás escadas dos ministerios, sem farda... por enquanto. Parabens, ó velhinho!

Bradem todos, n'um arranco,
Sem temer um barbicacho,
Que isto ponha tudo branco:
Quem nos dera o João Franco
Outra vez com o pennacho!

A bufaria anda por ahi desenfreada!
Ha noites, n'um centro onde estivemos
e em que se realisava uma sessão publica,
eram aos montes como pulgas... gravidas.
O mais curioso é que elles agora nem se
distançam.

Botas da ordem, bigodeira de selvagem
e o competente cacete.
Só se apresentam vestidos de gente, sem
a farda respectiva.

Não enganam ninguem, mas será bom
tomar cautela com aquelles... animaes.

São bicharocos damninhos
E é preciso estar distante,
Ou trazer pelos bolsinhos
Um qualquer desinfectante.

Quando algum nos appareça
A falar em honra e brio,
E' mandal-o, mas depressa
Para o... Pólo apanhar frio.

ORLANDO.

A final o pseudo criminoso da rua
dos Alamos era um doido.
Mais um triumpho policial!

Vozes de burro...

A *santa* gentinha do jornaleco, que
tem o nome d'este paiz, para vergon-
ha da nossa cara, atira-se como gato
a bofe ao distincto professor Telles
Palhinha...

Deixe-os zurrar, senhor doutor, que
é a maior honra que póde ambicio-
nar...

Tomaram muitos...

Está assente que a futura do me-
nino vem do Peru.

Mas não julguem que é alguma pe-
rua... em vespervas do Natal.

Ora! A final *elle* casa mas é com
uma hollandeza.

Só em cebo tira uma fortuna!

Ora ahi está...

Sabe-se a final qual é a donzella
que está indigitada para *consolar* o
nosso reisinho, na solidão em que se
encontra...

... E' a D. Rebolona!...

Decididamente, ó sr. de Soveral,
quando entrega a *cachopa* ao pequeno?!
Elle já está na espinha!...

Pobre creança...

Diz-se que o sr. D. Manuel ficou
muito sensibilizado com os successos
da Hespanha...

Com os devotos conselhos da *santi-
ssima* mãe, não admira que choras-
se...

Pobre virgem...

Prohibiram a musica no Rocio na
passada quinta feira.

Lá ficámos sem mais uma dóse da
Alma de Dios!

Que desgosto!

Ao pianinho

O Portugal do fadinho
Tem o caura, caura, caura;
Tem a Hespanha do fradinho
O seu maura, maura, maura.

O medo é epidemia
Mui terrivel, bem sabeis;
Vae do povo á burguezia;
Vae da burguezia aos reis.

Venha já decifração:
Quem será o sujeitinho
A quem não cabe um feijão
No rabinho!?

Torradinhas com manteiga,
Chásinho da melhor herba;
Ninguem tem alma mais meiga
Do que o Maura e o Lacierva!

PICHIRINÉE.

Estão em exposição n'uma certa
montra os sapatos do gigante portu-
guez e dizem-nos que são enormes.
Calculem que petisqueira de queijo
Gruyere ha lá pelas proximidades.

Faça isso...

Conta-nos o *Seculo* que o Padre
Santo soffre de gotta n'um pé...

O' *santissimo* senhor, porque é que
não deita na gotta uma gotta de agua
da Senhora de Lourdes?... Era cura
radical...

Parece que a *mocidade radiosa* ainda
não vae á procura de noiva por em-
quanto.

Entisicam o rapaz e depois só com
cinturão electrico é que elle conjuga o
verbo «amar.»

N'uma campa

Jaz aqui Bento Romão,
Que morreu d'um mal qualquer,
Com uma cousa na mão
Que destinava á mulher.

ALILA.

A bom entendedor...

Em resposta a certo *bufe*, dos mais
indignos e dos mais safardanas, temos
a dizer que o nosso camarada *Rei
Luso* não teme ameaças nem se curva
a imposições... *Os Lusíadas*... *para
rir*, continuarão a sahir, custe o que
custar.

E temos dito, que o pifio beleguim
nem merece tanta attenção...

O bispo de Beja está satisfetissimo
com a campanha que lhe teem feito.

Não ha ignorante nenhum que não
bata palmas quando lhe põem o nome
em letra redonda, ainda que seja como
maroto.

Chronica tripeira

15 10-09.

Esta chronica que o meu natural bom
humor quizera embeber de alegria, é hoje
para mim um sacrificio. Procuo uma gar-
gahada e acode-me aos labios um soluço
e á penna uma blasphemia. — Fuzila-
ram Ferrer! — Uma sombra enorme pesa
como um remorso sobre todas as con-
sciencias. Sentimo-nos criminosos porque
uma nação tão vizinha da nossa, con-
fundindo-se até na proverbial ignorancia
dos estrangeiros em assumptos geogra-
phicos, porque essa Hespanha descuidosa
e alegre que se immortalisára pelas suas
manolas, *diestros* e *zarzuelas*, nos mostrou
uma outra face sangrenta e criminosa.
Consummou se o crime! O Porto inteiro,
embalado por aquella doce esperança que
nos não abandona até nos transeis mais
dolorosos da existencia, antegosava o
prazer de ver em liberdade aquelle que
espalhára ás mãos cheias, pela cegueira
da ignorancia, a luz do seu amor.

Veiu o desengano despedaçar nos o ul-
timo élo que nos deixava crer na justiça
dos homens. Todas as consciencias solta-
ram um grito de dôr. Foi tão brutal o
golpe que nem uma lagrima cahiu no ca-
daver d'essa victima da Reacção.

O Porto entreolhou-se gelado pelo ter-
ror, coberto de vergonha do crime mais
extraordinario, da mais espantosa tragé-
dia que o seculo presente viu, como se o
sangue que tingiu as mãos dos assassinos
ainda nos viesse salpicar.

Cubram-se de luto as nossas conscien-
cias. O assassinio d'esse homem e a in-
clemencia d'essa nação que se diz civili-
sada são mais ainda que um crime: São
um escarro de affronta lançado á face do
mundo inteiro...

Os *Sebastianistas* tripeiros estão semi-
loucos de pavor. Poderá ser? Usarão cen-
surar o illustre Prelado, um luminar da
theologia e artes correlativas, futuro for-
necedor de confesores da Casa Real e pro-
vavel substituto do padre Mattos quando
este se aposentar com o vencimento por
inteiro?

Dizia hontem um banheiro muito conhe-
cido, de Mattosinhos, a um seu admirador:
— Arre! Se elle for p'r'o diabo, é de me-
nos um concorrente! Já ha por ahi tantos
conselheiros que lhe chamam um figo!

Ahi em Lisboa publica-se uma revista
de espectaculos intitulada *Bandarihas de
Fogo*. Correspondente theatral no Porto é
um tal *Amigo de Peniche* que na época pas-
sada se fartou de vomitar dispausterias.
Ora o dito senhor envaidece-se demasiada-
mente por ninguem lhe quebrar o incog-
nito. Vejamos se eu, pouco dado a matar

charadas, consigo desvendar o mysterio, o que me parece relativamente facil, porque os Amigos de Peniche são sempre aquellos que nos apertam a mão á esquina de qualquer rua com um sorriso nos labios.

O tal illustre correspondente não será um humorista muito conhecido por um dia nos ter dado um desgraçado ar da sua graça?

Achando eu, sem favor, interessantes as *Bandarilhas de Fogo*, lamento apenas que as mesmas escolhessem um informador... tão pessimamente informado... Nem Oliveiras fazem parte da empresa do Carlos Alberto, nem Accurcios mettem o bedelho na Companhia.

O lugar d'este ultimo está vago e espera ansioso ser preenchido por certo lyrico muito illustre e prefaciado que trouxe de Paris, para uso externo, uma forte dose de espirito, durante os quatro ou cinco dias em que foi *apache*...

RAFAEL.

Pobre poeta

Sabem dizer-nos o que é feito do sr. conselheiro Julio de Vilhena?... Nem dá já signaes de si o monstro-sinhão...

O Fernandinho das baguettes não consente nas revistas *policias* nem *viroscas*.

Não quer que lhe larguem piadas, Faz bem.

A estatua do Affonso d'Albuquerque está enjoadissima com o cheiro da sardinha assada.

Já nos mandou trinta cartas pedindo a remoção da feira de Belem, que lhe faz um transtorno á saude que ninguém imagina!

Se não fosse de bronze, já tinha vomitado as tripas!

Eduardo de Carvalho

Ex-magalla 22

Tivemos o prazer de abraçar n'esta redacção, este nosso prezado amigo e distincto chronista d'*O Xuão*, d'onde tem estado afastado, — o que tem sido devéras sentido — devido ao castigo que lhe foi imposto, pelo facto de fazer uso da palavra em pról da Liberdade, no comicio de Belem, caso narrado por toda a imprensa.

Agora que terminou a pena com que foi castigado e livre dos preconceitos militares, devido á sympathica iniciativa do nosso collega *O Seculo*, tão bellamente secundada por todos os seus innumerables leitores, pôde emfim Eduardo de Carvalho escrever livremente e conquistar na imprensa o lugar de destaque a que lhe dá jus o seu talento.

Ao nosso amigo, a quem apresentamos as boas vindas, em nome de toda a redacção d'*O Xuão*, agradecemos a sua urbanidade em nos vir cumprimentar.

A final a futura rainha é... uma turca.

Conselhos d'um parvo

As cégas nunca vás por irem mais, Vê bem por onde vaes e aonde vaes.

Sê solidario sempre ante o perigo. Mas consulta, primeiro, bem contigo.

Antes de dar's passo derradeiro. Conversa, por favor, co'o travesseiro.

Lagrimas de mulher, festas de gato São de qualquer desejo o aparato.

TANSO.

Toquem isso...

Esta semana só ouvimos dez vezes a celebrada e nunca aborrecida *Alma de Dios*...

Toquem lá isso mais vezes, ó velhinhos, quando não morremos de saudades...

O resultado da syndicancia á sanitaria está no fundo do bañu. Andam á procura d'elle.

Quadra muito antiga

Eu de Hespanha, a não ser as mantilhas E o freguez que me vasa os barris, Póde ser que haja lá maravilhas Mas eu sempre lhe torço o nariz.

Com que então vamos abiscoitar uma *chineza* como rainha?!... Parabens!

Diz-se que a *mocidade radiosa* vae ter por esposa uma circassiana. Toma!

Os feiophobos estão radiantes porque a camara resolveu não prorogar o prazo da feira de Belem.

O' meninos, quem é que no inverno ja pedir mais feira no deserto de Belem?

Aguenta que é serviço...

Ora leitor, vê lá tu, P'ra que tanto entusiasmo Vivorio e profundo pasmo Co'a victoria do G'rugú!?

Vê-se agora a olho nú Que o hespanhol não venceu nada, Que ao invés levou pancada Nas faldas do Gurúgú!

Até mesmo o czar crú O hespanhol felicitou, Nem ao só minuto esp'rou P'los restos do Gurúgú!

Teve o Maura certo amú, Já queria passar á historia, Quando a final a victoria Foi levar no Gurúgú!!!

PICHIRINÉ.

Theatradas

Paira sobre o nosso espirito a sombra de uma duvida.

Como não ha nada peor do que não ter *aquella certeza*, andamos escamurrados, tristes, sorumbaticos e algo neurasthenicos.

Acostumados desde petizes a cousas theatraes, rala-nos a fressura vêr fechado **D. Maria**, o normal, sem que se possa averiguar quando abre e quem para lá vae.

E' uma *espiga* d'alto lá com ella, de que só nos livra o visconde de S. Luiz de Braga que vae abrir o

D. Amelia com peças novas de absoluto successo. Originaes portuguezes, traducções e companhias estrangeiras das melhores.

O sapateiro cá da escada, que não passa uma noite ser ir vêr o *Pais do vinho á Trindade*, porque lhe deu no goto a espirituosa revista, *maça-nos* a paciencia com perguntas sobre a futura época theatral.

— Quando abre o **Avenida**?
— O' menino tem lá uma peça do Alvaro Cabral, parodia á *Viuva alegre*, e abre d'aqui a dias.

E a **Rua dos Condes** continúa com a *Abelha mestra* do Celestino?

— A peça está dando dinheiro, mas já está em ensaios uma revista do Barbosa, para variar, e parece que cá o collega *Orlando* tambem vae metter o bedelho com uma peça phantastica.

Taes perguntas nos faz o sapateiro que chegamos a ter medo de entrar ou sair. No domingo, porém, encontrámol-o accidentalmente a assistir ao bello espectáculo do

Colyseu dos Recreios, a casa de espectaculos onde se fuma, se ri, se bebe e se namora á vontadinha, sem as estupidas ordens da policia em cima de quem paga o seu bilhete, e foi uma pandega de estalo.

O sapateiro é baixo, gordo e tem uma testa enorme, lisa como a pedra de bater sola. A mulher é alta, magra, ossuda e esguia como um palito dos de cinco réis o maço.

No entanto não é feia dentro do seu desconjunctado monte de ossos.

O sapateiro parece que faz tanto caso da femea como nós do que se passa na China.

Por esse motivo a esqueletica madama vae-se atirando á valentona ao primeiro que apparece.

Assim, contou nos ella, deante do marido, que não tinha na occasião o *tirapé* salvador para a fazer calar, que indo ao **Principe Real** vêr o bello drama *questão dos venenos*, que no genero é de primeira ordem, arranjou lá um apaixonado que a acompanhou toda a noite, foi com elle ao

Salão Rocio vêr o novo repertorio da petizada que está agora na *brêcha* e depois ao Romão petiscar *meia desfeita* d'aquella boa que o Lage sabe fazer.

O sapateiro não se rala com as doídices da mulher. Emquanto ella vae aos animatographos fazer conquistas ou assiste ás bellas comedias do

Gymnasio, que vae abrir com o seu comico repertorio, está elle descançado na *tasca* declitrando alegremente.

Cada qual come do que gosta. Pois n'essa noite tivemos que aturar o sapateiro e a cara metade.

E tão atrapalhados nos vimos que, emquanto elle se deixava dormir sobre a mesa da taberna, nós acompanhámol-a a casa, levados quasi á força pelo braço e fomos obrigados a entrar.

Podem crer que apesar de ossuda e esqueletica, esguia como um perdigueiro, não fomos furados por nenhum osso.

Não digam nada ao sapateiro, não?

SECRETARIO.

Em Marrocos estão a preparar uma noiva para certo rei... casadoiro.

Nobres e Plebeus



T. das F.

*Aqui tem o leitor um mugação,
Que em valças de assobio é um portento,
Com mais graça, mais honra e mais talento,
Que muito conselheiro figurão . . .*

*Quando anda a passeiar faz um visião,
Com fiores no chapéo por ornamento,
Faz rir á gargalhada o povo attento,
Com seu olhar finório, espertalhão . . .*

*Dá vivas a Beltraño ou a Sicaño,
Camiñha cheio de póso, todo ufano,
Parece até fidalgo, e é plebeu . . .*

*Julgando que o bom vinho tem virtude,
É capaz de entornar mais d'um almude,
Gosta tanto da pinga como eu . . .*

Rei Luso.

Os mais resistentes e de mais nitidas cores são os
MOSAICOS DE GOARMON & C.

17, Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA

MAGALHÃES PEIXOTO

Calculo Portati — 3.ª edição, 300 réis, muito útil aos empregados de casas bancarias.
Lições Praticas de Calculo Commercial — 2.ª edição, 1500 réis, indispensavel aos commerciantes que se dedicuem a fazer a sua scripta.
Exercicios Praticos de Escripuraçáo Commercial — 1.ª edição, 700 réis, de grande utilidade aos empregados do commercio.

A' venda na **Livraria Verol & C.**

== 134 — Rua Augusta, 136 — Militar á porta — LISBOA — Junto á casa Chita ==

ABERTURA DE INVERNO

ACTUALMENTE

Exposiçáo geral das mais deslumbrantes e sensacionais novidades nos

Grandes Armazens do Chiado